

Congregações católicas e educação: o caso da Sagrada Família de Bordeaux

Paula Leonardi*

Resumo:

A fim de discutir a chegada ao Brasil de muitas congregações religiosas femininas que afirmavam ter como finalidade o trabalho na educação, apresento aqui o caso da congregação das irmãs da Sagrada Família de Bordeaux. Este artigo analisa as circunstâncias da vinda das irmãs para o Brasil e as formas de ação estabelecidas por elas no país a fim de compreender seu percurso desde sua chegada (1908) até a fundação de um colégio (1953), confrontando-o com outros casos já estudados pela bibliografia. As fontes aqui apresentadas oferecem a possibilidade de observar as escolhas e as táticas utilizadas pelas irmãs para se estabelecerem no Brasil e desenvolverem suas atividades.

Palavras-chave:

congregações católicas; colégios católicos; Igreja e educação; mulheres religiosas.

*. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Pós-doutoranda na FEUSP/FAPESP. Vice-coordenadora do Grupo de Estudos História da Educação e Religião (GEHER) e membro do Grupo de Estudos Gênero e Políticas Públicas (GREPO).

Catholic congregations and education: the case of the Holy Family of Bordeaux

Paula Leonardi

Abstract:

This article proposes a discussion about the arrival in Brazil of a great amount of feminine religious congregations whose mission was linked to education. It shows particularly the case of the Congregation of the Sisters of the Holy Family of Bordeaux. Trying to understand their itinerary from the beginning (their arrival in 1908) until the foundation of a school (1953) and comparing it with other cases already studied in the bibliography, it analyzes both the circumstances of the sisters' on set in Brazil and their accomplishments in the country. The sources that I present here permit the reader to observe the choices and the strategies employed by the sisters in the development of their activities in this country.

Keywords:

Catholic congregations; Catholic schools; Catholic church and education; religious women.

*Para um cristão, podem existir inúmeras formas
de reagir às provocações da Providência, sempre
a obedecendo.*

Jacques Le Goff

Pelo 1º Anuário Católico produzido pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social (CERIS), datado de 1965 e conservado no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, foi possível constatar grande entrada de congregações católicas femininas no Brasil, entre 1849 e 1912. Essas congregações anunciavam ter como finalidade principal a educação¹. Se a grande maioria tinha na educação seu foco, mas não

-
1. As congregações que mencionavam a educação como finalidade primeira são as seguintes: Irmãs do Imaculado Coração de Maria; Sociedade das Filhas de Caridade São Vicente de Paulo; Religiosas de Nossa Senhora do Bom Conselho; Irmãs de São José de Chambéry; Irmãs de Santa Dorotéia; Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã; Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils; Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor de Angers; Instituto Filhas de Maria Auxiliadora; Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade; Congregação dos Santos Anjos; Irmãs da Divina Providência; Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu; Religiosas da Instrução Cristã; Irmãs de São Vicente de Paulo Gysegem; Irmãs de Santa Catarina Virgem e Mártir; Irmãs Carmelitas da Divina Providência; Pequenas Irmãs da Divina Providência; Irmãs Franciscanas do Coração de Maria; Congregação da Sagrada Família; Missionárias do Sagrado Coração de Jesus; Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena; Religiosas do Santíssimo Sacramento; Congregação Romana de São Domingos; Irmãs Missionárias Capuchinhas de São Francisco de Assis; Irmãs de Nossa Senhora da Imaculada Conceição; Irmãs da Providência de Gap; Religiosas do Sacré-Coeur de Jesus; Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo; Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria; Irmãs Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento; Irmãs Franciscanas Missionárias do Coração Imaculado de Maria; Irmãs do Sagrado Coração de Maria; Instituto das Irmãs de Caridade Filhas de Maria do Horto; Irmãs de Nossa Senhora do Calvário; Religiosas da Imaculada Conceição de Nossa Senhora de Lourdes; Congregação da Sagrada Família de Bordéus; Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus; Franciscanas Hospitalaieras da Imaculada Conceição; Filhas de Jesus; Irmãs do Sacré-Coeur de Marie; Congregação de Santa Catarina de Sena da Ordem Terceira de São Domingos; Concepcionistas Missionárias do Ensino; Pia União Jesus, Maria, José; Irmãs de Santa Marcelina. Dentre aquelas que apresentavam a educação como uma dentre suas principais atividades, estão: Religiosas de Notre Dame de Sion; Irmãzinhas

se dedicaram imediatamente à fundação de colégios, que atividades desenvolviam no país? O que faziam até poder fundar seus colégios? A bibliografia aponta para a inexistência de colégios femininos mantidos por ordens e congregações católicas antes da República (Moura, 2000), com exceção do já conhecido estudo sobre as Irmãs de São José de Chambéry (Manoel, 1996).

Essas questões são reforçadas, ainda, pela constatação de pesquisa anterior na qual foi possível observar o trabalho das irmãs austríacas da Congregação do Imaculado Coração de Maria no campo da educação não formal. Essas irmãs chegaram ao Brasil em 1849 e assumiram diferentes trabalhos até que pudessem fundar seu primeiro colégio, no final do século XIX. Seus percursos diferiam fundamentalmente de outros casos já estudados, como o das irmãs de São José de Chambéry, que chegaram ao país em 1857, fundadoras do prestigiado colégio Nossa Senhora do Patrocínio em Itu (Manoel, 1996). As irmãs de São José vieram para o Brasil a convite do bispo, o qual já havia providenciado o prédio e toda assistência necessária à instalação do Colégio naquela cidade para o atendimento de meninas da elite. Seria o caso das Irmãs austríacas a regra ou a exceção? Ao confrontar os dois casos citados, tomei como indício o fato de que outras congregações poderiam ter vivenciado situação semelhante à das irmãs do Imaculado Coração de Maria, ou seja, teriam assumido diversos trabalhos até que pudessem dedicar-se à educação escolar, fundando um colégio. Considerarei, assim, que a história dos investimentos da Igreja no campo educacional seria diferente se a pesquisa se iniciasse pela história das congregações, e não pela história de seus colégios.

da Imaculada Conceição; Missionárias Servas do Espírito Santo; União das Cônegas Regulares de Santo Agostinho da Congregação de Nossa Senhora; Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora, Irmãs Servas da Imaculada Virgem Maria; Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing. Outras cinco congregações não apresentavam explicitamente a palavra *educação* em sua finalidade, destacando cuidado de doentes, regeneração da família cristã ou disseminação de determinada devoção. São elas: Servas do Santíssimo Sacramento; Filhas de Santana; Religiosas da Assunção; Missionárias Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus. Constava, ainda, apenas uma de vida contemplativa (Ordem da Visitação de Santa Maria) e uma na qual não constava a finalidade (Monjas da Ordem de São Bento).

Apresento, aqui, um terceiro caso: a Congregação das Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux, instalada na cidade de São Paulo em 1908. Para responder às questões anteriores e confrontar a história dessa Congregação às outras já mencionadas, este artigo analisa as circunstâncias da vinda das irmãs da Sagrada Família para o Brasil. Esta análise inclui as formas de “pregação” (ação e trabalhos) estabelecidas por elas no país, as alianças com leigos, suas maneiras de enfrentar a concorrência, a questão da profissionalização e a margem de autonomia que tinham em relação à hierarquia da Igreja no Brasil e a sede francesa.

As fontes aqui apresentadas, documentos inéditos (como as cartas, relatórios, atas de assembleia e anais produzidos pelas irmãs desde sua chegada até a fundação do colégio), oferecem a possibilidade de observar as escolhas e as táticas por elas utilizadas para se estabelecer no Brasil e desenvolver suas atividades. Conforme afirma Langlois (1984), durante o século XIX, as Congregações tomaram progressivamente consciência da necessidade de conservar suas memórias já que, em momentos de mudança, o que retinham de suas histórias eram suas origens. Assim, foram produzidos crônicas, biografias e relatos das fundações. Esses textos correspondem à imagem que a congregação quer passar de si para o público, tanto interno quanto externo. Portanto, trata-se de um conteúdo extremamente controlado.

Mas há ainda um segundo conjunto de fontes: textos produzidos exclusivamente para circulação interna, como as crônicas e as cartas. Mesmo esses textos sofriam censura. Olhar as congregações por dentro, ainda que através de textos produzidos pelas irmãs para si mesmas, é adentrar um espaço perpassado por restrições. Enveredar pelas formas através das quais as freiras se compreendiam a si mesmas, como pensavam sua instituição e suas ações e as reinventavam, é esbarrar constantemente em silêncios. No entanto, esses documentos fornecem à pesquisa muito mais do que a simples constatação de censuras. É possível encontrar aí a construção da imagem da freira e da Congregação, as inquietações e tensões para com a sede, dados sobre a entrada e a saída de alunos e sobre as relações estabelecidas com bispos, padres, proprietários de terras e demais leigos e leigas. Em sua maioria, foram produzidos para circulação

interna e não para o público externo e seu objetivo era “edificação” da congregação, palavra que abrange os significados de construção, elevação, criação. Enfim, são documentos/monumentos (Foucault, 1972; Le Goff, 2003) que erigem imagens e representações.

Se nos textos e memórias oficiais da congregação, a Providência Divina é quem determina seu futuro, trata-se, para o historiador, como escreveu Le Goff (1996), de observar que caminhos elas escolheram seguir para responder às provocações da Providência.

Origem francesa e instalação em São Paulo

Foi assim que as irmãs relataram, pela primeira vez, nos *Anais* (1920), a instalação na cidade de São Paulo:

Esta obra, a última nascida das missões estrangeiras durante esse século, pode se definir: um ato de confiança em Deus, de submissão filial a seu Vigário Augusto aqui na terra. Diversas vezes, com efeito, a Sagrada Família teve de recusar, contra sua vontade, as fundações que lhe foram oferecidas em belos lugares da América Latina, para os quais a onda de imigração impele diariamente populações inteiras sem suficiente socorro religioso. Mas como não reconhecer o apelo divino na voz do Santo Papa Pio X, apoiando ele mesmo o pedido reiterado de Monsenhor Duarte Leopoldo, desejoso de dotar a cidade arquiépiscopal de uma comunidade de religiosas “gardes-malade”? (p. 188)²

Com efeito, D. Duarte (1867-1938) já havia feito um pedido para a vinda das irmãs ao Brasil em 1906. Um dos historiadores da Congregação, Déves (1943), afirma que a recusa da sede estava ligada ao fato de a Congregação não possuir nenhuma comunidade na América Latina. Mas, tendo prestígio junto à nunciatura e ao próprio Vaticano, o bispo fez o pedido diretamente à Santa Sé.

2. Todos os textos em francês foram livremente traduzidos pela autora.

No início da República, São Paulo constituía a mais dinâmica frente de expansão territorial da Igreja católica, com a criação de circunscrições, seminários e casas de formação (Miceli, 1988) através da atuação dos bispos subsequentes a D. Antonio Joaquim de Melo (1791-1861), primeiro nome da política ultramontana na província. D. Duarte assumiu o bispado de São Paulo entre 1907 e 1938, e chegou a ter quatro das dez dioceses mineiras em áreas dependentes da influência paulista. O reparte das circunscrições eclesíásticas estava ligado ao prestígio do bispo e a seu poder de pressão junto à nunciatura e ao próprio Vaticano. Além disso, a importância política e econômica da região entrava em jogo nesses processos, o que dá uma ideia da importância e da influência de D. Duarte.

Quando a Sagrada Família tomou a decisão de enviar irmãs para o Brasil, a instituição possuía 85 casas ou comunidades na França, divididas em sete ramos diferentes e organizadas como departamentos, destinados a diferentes finalidades e trabalhos (*STATISTIQUES*, s/d). Assim, o ramo de São José dedicava-se a crianças órfãs; o ramo de Loreto à educação de meninas da elite; o ramo das Solitárias era composto por irmãs contemplativas enclausuradas; o ramo da Esperança, dedicado ao cuidado de doentes (a expressão em francês é “*gardes-malade*”); o ramo da Imaculada Conceição era destinado à educação de meninas no campo; o ramo das irmãs Agrícolas era dedicado ao apostolado em zona rural; o ramo de Santa Marta era composto por irmãs que se voltavam aos afazeres domésticos. Finalmente, as Filhas de Deus Só eram aquelas irmãs que aceitavam qualquer trabalho que lhes fosse oferecido e, indiferentes à distinção entre os ramos, transitavam por todos eles.

Além disso, é preciso ressaltar que as “congregações com superiora geral” (Langlois, 1984)³ eram constituídas como uma espécie de empresa extremamente hierarquizada: possuíam uma sede geral, casa generalícia

3. As chamadas “*congrégations à supérieure générale*” podem possuir casas distribuídas por todo o país e mesmo no exterior, sempre ligadas à Casa Mãe e à superiora geral da congregação, à qual respondem através de uma rígida hierarquia. Essas casas, portanto, não tem independência de governo. Quaisquer decisões, desde a compra de prédios até a abertura de colégios e a busca de novos trabalhos, são sempre submetidas à Casa Mãe.

ou casa mãe (neste caso, na França) de onde emanavam todas as ordens e decisões para as outras casas, como sucursais a ela subordinadas. Entre as 25 primeiras congregações em termos de pessoal e de riqueza analisadas por Langlois (1984) entre 1878 e 1880, a Sagrada Família de Bordeaux encontrava-se em 11º lugar. Somente até o ano de 1834, os *Anais* da Sagrada Família registram 49 fundações. Sua instalação na França era plurirregional e suas comunidades espalhavam-se por todo o país. À época da fundação no Brasil, essa congregação já havia estendido seus ramos para outros países: Espanha, Bélgica, Argélia, Ceilão, Roma, sul da África (Marilzburg), Inglaterra, Itália, Irlanda, Canadá (*Statistiques*, s/d).

Tratava-se, portanto, de uma Congregação internacionalizada. Conforme afirma Langlois (1984, p. 444):

Tal situação existia na igreja desde o século XVI, para os homens, em particular através da Companhia de Jesus. Foi preciso esperar o século XIX para ver as congregações femininas com superiora geral conhecerem um desenvolvimento semelhante. A internacionalização é, sobretudo, o feito das congregações francesas e de congregações que, à exceção das Filhas de Caridade, não têm ramos masculinos que as controlam.

Este era, precisamente, o caso da Sagrada Família.



Figura 1: Irmãs da Sagrada Família no Brasil, s/d.

Fonte: Arquivos da Sagrada Família, São Paulo.

Em 1908, oito Irmãs da Sagrada Família, do ramo da Esperança, chegaram ao Brasil para fundar uma comunidade que trabalharia com o cuidado de doentes. Na foto anterior aparecem: Irmã Théodore Renaux, Irmã Saint Joachin Dano, Irmã Alexandre Servel (francesas), Irmã Marguerite Bernard (luxemburguesa), Irmã Matilde Amias, Irmã Marie Gabrielle Ascarraga, Irmã Marie Adelaide Bernuesolo e Irmã Marie de l'Assomption Zalduondo (espanholas). Madre Théodore Renaux foi nomeada superiora do grupo, que era composto, em sua maioria, por espanholas. Educadas e formadas freiras na Sagrada Família, mas de nacionalidades diferentes, elas já eram a expressão da “igualdade na diferença” que o fundador, padre Noailles, gostava de ressaltar a respeito da Congregação (*Règles*, 1851). Dizia ele que da Congregação poderiam fazer parte diferentes pessoas, mas que encontrariam a igualdade no desejo de servir e de se dedicar à missão da Congregação.

As irmãs só escreveram a respeito da chegada e a fundação no Brasil quando a obra já estava bem estabelecida e merecia figurar na memória institucional da Congregação. Os *Anais* de 1920 são os primeiros a mencionar a fundação de São Paulo, na passagem seguinte:

O objetivo da obra foi, antes de tudo, o cuidado de doentes a domicílio. O exercício desse ministério encontrou dificuldades no seio de uma sociedade cosmopolita onde a fê simples do brasileiro é surpreendida e minada pela propaganda de seitas protestantes e pelo liberalismo das classes dirigentes, pela neutralidade do ensino oficial, pela ignorância popular e pela vida fácil das regiões tropicais. Estas dificuldades não amedrontaram as Irmãs missionárias, cujo zelo foi, aliás, solicitado pela visão dos perigos que corriam, neste país, as professoras europeias deixadas ao acaso da existência (p. 190).

Esse “abrigo seguro para a juventude” foi a abertura de uma pensão para receber professoras que vinham à capital para estudar. Da atividade com doentes, as irmãs passaram a cuidar de uma pensão que, mais tarde, abriu espaço para receber normalistas. Doze anos passaram-se até que os *Anais* divulgassem a história da comunidade, já elaborando o desvio na mudança dos trabalhos do grupo. As irmãs que chegaram ao país eram

do ramo da Esperança, ou seja, aquelas chamadas “*gardes-malade*”, que se dedicavam ao cuidado de doentes em domicílio. Note-se que ainda não eram “*infirmières*” (enfermeiras). A passagem anterior assinala, rapidamente, o fracasso dessa primeira missão, sem oferecer detalhes.

Mas a missão das freiras no Brasil era vista como civilizadora. Fosse ela na saúde ou na pensão, diante de um povo simples, cuja ignorância justificava a própria existência e presença das missionárias, sua ação seria sempre a mesma: a evangelização para civilizar, educar dentro do espírito cristão. A Igreja, por ver-se como detentora da verdade e da moral universais, também se considera instituição educadora por excelência. Qualquer congregação, por diferente que seja em sua estrutura interna, seu carisma e sua missão, terá como tarefa intrínseca a educação, dentro da moral católica.

As *Correspondances* – coletânea de cartas trocadas entre a superiora de São Paulo e a superiora francesa – permitem acompanhar as mudanças nos objetivos da Congregação no Brasil, a tarefa educativa que as acompanhava e sua entrada no campo da educação escolar.

Convidadas por D. Duarte, mas com patrocínio e apoio de um grupo de senhoras da elite paulistana, as irmãs da Sagrada Família tiveram seus primeiros tempos subvencionados por estas senhoras, as “*dames patronesses*”. Tratava-se de Ana da Silva Prado, a quem as irmãs frequentemente se referiam como condessa Pereira⁴, e suas duas filhas (*Atas*). Logo após sua chegada em São Paulo, Madre Renaux informava à superiora de Bordeaux, na França, que fazia,

a cada dia, visitas com a senhorita Chaves, que a apresentava às famílias. Todos os lugares lhes reservavam a melhor acolhida. As irmãs já foram solicitadas para atender três doentes, mas não ficaram com eles mais do que 24 horas [...]. Ninguém fala sobre o auxílio, o que fazer? (*Correspondances*, 11/9/1908).

4. Trata-se de Ana Blandina Vicencia da Silva Prado, Condessa Pereira Pinto pela Santa Sé.

O cuidado dos doentes ainda não lhes fornecia o suficiente para seu sustento. Na carta enviada para Bordeaux, a superiora dizia não ter recebido ainda nenhuma prestação do subsídio que havia sido tratado com as senhoras. Manter o equilíbrio entre autoridade, auxílio e inge- rência, sem romper os laços, era algo difícil para a superiora: “Madre Théodore fala como ela deve se controlar em suas relações com as se- nhoras Pereira, que querem controlar tudo o que se faz na Comunidade e a quem não se pode ofender” (*Correspondances*, 23/3/1909). No âmbito das Congregações, a manutenção dessas redes de relações deveria ser prevista e assegurada. Outros autores (Farias, 1988) já assinalaram os apoios simbólicos e materiais prestados pela elite dirigente à Igreja nos princípios da República e o presente caso não constitui exceção. Em 16 de abril de 1930, Madre Bernard, reassumindo pela segunda vez a função de superiora da comunidade no Brasil, afirma que “encontrou a organização interna da obra em perfeito estado, mas as relações com as famílias fundadoras, que Madre Paquay não conhecia, tinham sido negligenciadas” (*Correspondances*).

A presença de bispos e arcebispos nas festividades organizadas pelas irmãs oferecia-lhes um capital simbólico importante, aumentando seu prestígio. Mas as cartas revelam menos o prestígio auferido do que os conflitos. Por exemplo, quando não puderam contar com a indenização dos danos que a revolução de 1924 causara ao prédio, cuja administra- ção cabia ao bispo, a superiora “ficou um pouco decepcionada ao ver que sua Eminência não aprovara as reclamações da Comunidade e que tinha a intenção de lhes conceder muito pouca coisa” (*Correspondances*, 25/11/1924). Ou ainda, quando pretenderam enviar a Bordeaux os dossiês a respeito dos milagres que o fundador da Congregação operara no Brasil, o arcebispo negou-se a enviá-los por motivo desconhecido.

Além do tênue equilíbrio a ser mantido com os benfeitores ou com os bispos, a superiora via-se às voltas com o trabalho que a Congre- gação deveria desenvolver no Brasil. Logo em outubro, o entusiasmo anunciado nas primeiras cartas, por terem três doentes, arrefecera diante das desigualdades culturais, que apresentavam barreiras à atividade que desejavam desenvolver. A atividade de “*garde-malade*”, comum em

várias Congregações francesas, parecia não caber no Brasil. A superiora da casa brasileira escrevia, em 19 de outubro de 1908:

As irmãs encontram reais dificuldades com alguns doentes para os quais elas são chamadas somente por uma ou duas noites. Os médicos têm o hábito de cuidar eles mesmos de seus doentes e não ficaram contentes com a chegada das irmãs; não receiam humilhá-las e depreciá-las diante das famílias. A vocação da Esperança surpreende e não é bem compreendida. Parece-se lamentar que as irmãs não cuidem das senhoras grávidas, mas a superiora mantém-se firme sobre esse ponto (*Correspondances*)⁵.

Ainda em 1909, a difícil concorrência com os médicos era o principal motivo assinalado pelas irmãs, que lamentavam não exercer a função para a qual haviam sido chamadas: “as irmãs não têm doentes e se perguntam se a verdadeira obra da Esperança jamais se estabelecerá no Brasil, onde as famílias costumam tratar as religiosas como domésticas” (*Correspondances*, 24/8/1909). Ao mesmo tempo em que essas dificuldades se manifestavam em São Paulo, um certo senhor de Carvalhaes, com o qual as irmãs haviam viajado da França para o Brasil, oferecia-lhes as condições necessárias para a fundação de uma casa no Rio de Janeiro. Madre Renaux procurou o apoio do bispo para tomar as decisões:

Ele (d. Duarte) conhece bem o senhor de Carvalhaes, que lhe falou sobre seu desejo de ver as irmãs melhor instaladas e em condições de estabelecer obras como as que existiam na França. Monsenhor aprovou a ideia, mas recomendou que não se aborresse essas senhoras, que tivessem ainda um pouco de paciência (*Correspondances*, 27/9/1908).

Para não causar embaraços às benfeitoras, o bispo as aconselhou a ficar e a organizar uma pensão para jovens. Enquanto algumas irmãs

5. Pelas Regras, as irmãs eram impedidas de cuidar de mulheres grávidas para que o desejo da maternidade não lhes fosse despertado.

atendiam aos poucos, mas prestigiosos, doentes⁶, Madre Renaux encarregou-se de procurar uma casa onde pudesse instalar ao mesmo tempo o domicílio das religiosas e a pensão. Alugaram uma casa na Alameda Glete: nesta primeira pensão recebiam-se, sobretudo, professoras brasileiras. Em 3 de fevereiro de 1909, Madre Renaux informou à superiora do ramo: “É provável que a comunidade tenha facilmente boas pensionistas, a Condessa já conhece inúmeras, mas se desaconselha à superiora receber normalistas: essas jovens são muito levianas e não poderiam pagar uma mensalidade suficiente” (*Correspondances*).

O cuidado na seleção das pensionistas também aparece em 5 de abril de 1909, quando a madre informou que havia procura para a pensão, mas que as candidatas que não se enquadravam no padrão desejado eram rejeitadas – padrão esse certamente construído de acordo com a moral católica, associada à cultura e aos hábitos franceses. Nesse sentido, as pessoas que indicavam a candidata contavam pontos para sua aceitação: “Um padre salesiano anuncia uma boa candidata, mas não se pode ter muita confiança no caráter brasileiro, que é extremamente inconstante” (*Correspondances*).

Uma carta de 1º de junho de 1909 anuncia 12 “*dames*” na pensão. Algumas, no entanto, aí permaneceram somente 15 dias porque, como informa a mesma carta, tinham se tornado “exigentes demais” e acabaram por partir. Comentários sobre exigências ligadas a luxo fazem supor que as práticas ascéticas das irmãs não eram bem vistas pelas pensionistas.

Em contrapartida, era necessário um aumento das pensionistas para que se pudesse garantir a manutenção da Congregação. Se a condessa tinha aconselhado as irmãs a não admitir normalistas, diante das dificuldades, o arcebispo tomou o partido contrário. Mas “Madre Renaux fê-lo compreender que isso não era possível naquele momento, manifestando-

6. Em 10/11/1908, informa-se que uma irmã cuidava de um parente do governador e outra se ocupava de um doente inglês. Em 19/1/1909, elas cuidavam de um sobrinho do presidente (que também era sobrinho do cardeal do Rio de Janeiro) e do pai de D. Duarte.

-lhe novamente seu pesar por não ter doentes, já que a vocação das irmãs da Esperança consiste em seu cuidado” (*Correspondances*, 3/8/1909).

Apesar desses percalços, 11 meses após sua chegada ao Brasil, a casa mantinha-se de maneira autônoma, embora não através do trabalho ao qual eram destinadas. Talvez o sucesso da pensão levasse o bispo a insistir junto às irmãs sobre sua ampliação e abertura às normalistas. A superiora do Brasil rejeitava a ideia esperando ainda lhes conseguir trabalhos como “*gardes-malade*”, insistindo em sua vocação. Em uma sociedade patriarcal, admitir a presença de uma religiosa dentro de casa era inaceitável, excessivamente “moderno”. Mas, finalmente, diante de tantas dificuldades na ampliação dos cuidados aos doentes, Madre Renaux e a superiora francesa acabaram cedendo. Ao lado da ampliação da pensão e da recepção de normalistas, o trabalho com os doentes foi desenvolvendo-se paulatinamente e, no final do ano de 1910, as cartas da superiora brasileira afirmam que não conseguiam mais atender a todos os pedidos. Elas já tinham se tornado mais conhecidas e as famílias aprenderam a apreciar seus serviços. Provavelmente o trabalho na pensão também contribuiu para a ampliação de contatos e o desenvolvimento do trabalho como “*gardes-malade*”.

Em 25 de junho de 1913, as irmãs abrigavam quarenta pensionistas na casa e a concorrência preocupava Madre Renaux: “Parece urgente dar extensão à obra, pois outras Comunidades, vendo o sucesso da Esperança, têm a intenção de também tomar senhoras pensionistas” (*Correspondances*). Os *Anais* de 1920 assinalavam o trabalho da pensão como uma obra de proteção de jovens. Desconhecendo os aborrecimentos, o problema da concorrência, os preconceitos com relação às normalistas e a mudança na orientação dos trabalhos, esse texto noticiava:

Logo a casa se povoou de professoras, normalistas, alunas que seguiam os cursos superiores dos diversos ramos de instrução. Neste lar de calorosa simpatia, ao abrigo dos perigos mundanos, as almas respiravam uma atmosfera de vida cristã e de fervor. Melhor esclarecidas das verdades da fé, elas tornam-se piedosas, apóstolas mesmo em sua esfera de ação e catequistas voluntárias das crianças do povo. Viu-se manifestar um movimento de retorno às práticas da

religião e frequentes foram as cerimônias das primeiras comunhões tardias na capela do convento (*Anais*, 1920, p. 191).

Aqui, narra-se o grande trabalho realizado pelas religiosas nas terras brasileiras: a conversão. A imagem do “consumo do tempo” (Debord, 1997) das irmãs é a do tempo consumido para a conversão e a edificação da Igreja, estendendo-a a novos indivíduos, igualmente aptos a multiplicá-la. A pensão não só convertia, levando inúmeras jovens à comunhão considerada tardia, como multiplicava as “operárias”: as pensionistas tornavam-se catequistas voluntárias. Dentro da pensão, certamente o tempo de consumo dessas imagens era pleno, constante. Aí se consumia a imagem da mulher pura, piedosa, devota, na própria figura das irmãs, em seus gestos e atitudes. Na época em que os *Anais* foram publicados, a casa já contava com cem pensionistas.

O trabalho dessas mulheres ia ao encontro do plano de ação da Igreja no período, segundo a orientação ultramontana, que visava à expansão dos quadros religiosos, de frentes de trabalho pastoral (especialmente a catequese) e dos sacramentos. Para esses últimos, a figura do padre era indispensável. Entretanto, eram as freiras que, na maior parte das vezes, encaminhavam as pessoas até os padres. Elas podiam fazer uso da palavra para a conversão, especialmente entre mulheres (que são a maioria nos relatos analisados), trabalhando para o projeto reformador da Igreja através de variadas formas de educação. Ao envolver as hóspedes da pensão em diferentes atividades, elas difundiam valores católicos que seriam levados para o âmago das famílias por meio dessas jovens. Aí se ensinava a catequese e se formavam moças que também fariam catequese. Em 1925, os *Anais* anunciavam ainda outras atividades:

Além da obra dos Tabernáculos e das Congreganistas, que continuam florescendo, duas outras começaram este ano. As Noelistas escolheram a Casa da Esperança como centro de suas reuniões semanais. Elas aí trabalham com zelo para as crianças pobres. As filhas do Cônsul da França tomaram a iniciativa desse movimento caritativo que deu origem a outra boa obra: a organização de cursos de filosofia para as jovens da sociedade Paulista, ministrados por

um padre beneditino. Suas conferências semanais são bastante seguidas e os bons resultados obtidos são mais encorajadores em um país tão fortemente trabalhado pelos judeus e pelas seitas protestantes (*Anais*, 1925, p. 291).

As mulheres engajadas na Obra dos Tabernáculos dedicavam-se a preparar ornamentos para capelas e igrejas. Chamavam-se congreganistas àquelas que se ligavam às Filhas de Maria, ao Apostolado de Oração ou à devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Todas essas devoções foram estimuladas pelo ultramontanismo no Brasil desde meados da década de 1870 e floresceram, sobretudo, após a proclamação da República (Beozzo, 1980; Nunes, 1997). Já as conferências, ideia que partiu das filhas do cônsul francês, poderiam ser uma adaptação dos cursos leigos criados na França para atender meninas no final do século XIX. Embora não tenhamos documentos que comprovem essa hipótese, a descrição de Mayeur (1977) parece bastante próxima: “Os cursos secundários, espécie de sistema de conferências, oferecem às suas alunas uma forma pedagógica inédita, leve e sensível às modas, particularmente adaptada à educação de jovens do mundo [...]” (p. 1 e 2). Nesse caso, a pensão aproxima-se do termo *pensionato*, usado na França para designar um espaço onde se mora e também onde se aprende. Eram nessas atividades que as irmãs encontravam espaço para o recrutamento e formação dos quadros da própria Congregação no Brasil. Além disso, as atividades de cuidado de doentes continuaram lentamente, até que as irmãs conseguissem trabalho como enfermeiras em hospitais. Nesses espaços também catequizavam e evangelizavam, conforme demonstram os relatos de conversão contidos nos textos.

Recrutamento e expansão

Em 21 de agosto de 1934, uma carta da superiora brasileira afirmava entusiasmada: “algumas vocações se esboçam”. Nela, a superiora do Brasil propunha à sede que se alugasse uma casa para o noviciado:

Nessa proposta, Madre Bernard fita, sobretudo, o futuro. Em pouco tempo, a maior parte das Irmãs estarão idosas ou enfermas; a própria Superiora chega ao fim de seu segundo mandato. Para que a Obra prossiga com frutos, é preciso alguém bem habituado aos costumes, à língua, à mentalidade do país. A Irmã Marie Frebonie Mancebo é muito boa religiosa e se forma pouco a pouco na direção da casa. Sempre a acompanhando, Madre Bernard a deixa frequentemente agir por sua própria iniciativa (*Correspondances*)

Desde a chegada das Irmãs ao Brasil, algumas postulantes e noviças foram apresentadas nas cartas, mas logo desapareciam. A exigência de realizar sua formação na França antes que o noviciado no Brasil fosse autorizado dificultava o recrutamento, segundo informação da superiora. Ao que tudo indica, as meninas tinham dificuldade de engajar-se em sua vocação diante de um horizonte tão assustador: deixar o Brasil para realizar sua formação na França. Por sua vez, a Congregação pretendia formar religiosas dentro dos moldes franceses e não autorizava a fundação de um noviciado no Brasil. O noviciado no país iniciou-se somente em 1942 com a tomada de hábito de duas jovens (*Statistiques 2, s/d*). Mas, mesmo assim, houve desistências. Durante a década de 1950, o número de jovens que entrava para o noviciado variava entre duas e quatro noviças e, também a cada ano, uma delas sempre o abandonava. Em 1957, dentre quatro cerimônias de tomada de hábito, nenhuma das jovens permaneceu na Congregação. Duas deixaram-na no mesmo ano, outras duas em 1958. Nesse mesmo ano, oito outras moças tomaram o hábito, das quais apenas duas deixaram a Congregação, em 1960.

O recrutamento local e a expansão dos quadros contribuíram significativamente para o direcionamento da Congregação a outras frentes de trabalho. Ao mesmo tempo, o aumento do recrutamento pode também ser explicado em função da diversidade de tarefas assumidas pelas irmãs a partir dos anos de 1940, assim como pela instalação de comunidades em outras cidades e estados. Em 1937, a comunidade tinha duas casas em São Paulo, dois prédios localizados em regiões de prestígio na cidade na época: na Alameda Glete e na Rua da Consolação (*Atas, 1912-1960*). Antes da diversificação de tarefas que aparece nas *Atas* na década de

1950, o grande trabalho das irmãs estava ligado à conversão⁷, fosse ela na pensão, fosse com o cuidado de doentes. Conversão que implica, evidentemente, doutrinação e educação, na moral católica. Na Rua da Consolação funcionava também a Obra dos doentes pobres.



Figura 2: Irmãs da Esperança na Obra dos doentes pobres, década de 1950.
 Fonte: Arquivos da Sagrada Família de Bordeaux, São Paulo.

Desde 1949, entretanto, aparece nas *Atas* das Assembleias a intenção de abrir uma escola popular no Bosque da Saúde. Mas, com a compra de outro prédio na Avenida Glete, elas consideraram a possibilidade de abertura de uma escola no local, ampliando o prédio já existente através da ligação com o novo prédio recém-adquirido. Em 20 de junho de 1954, as *Atas* informavam a abertura de um externato nesse endereço, com jardim da infância e curso primário. Anexo a ele, foi aberta uma escola gratuita para pobres. Além disso, informavam que tinham assumido a creche Gota de Leite em Santos. Nessa mesma reunião, também se apresentou a proposta para administrar uma escola para crianças pobres em

7. A palavra *conversão* era utilizada, e ainda o é até os dias atuais, em dois sentidos. O primeiro refere-se à pessoa que professa outra religião e “se converte” ao catolicismo, abandonando e renegando a religião anterior. O segundo sentido refere-se a pessoas católicas que não praticam a religião católica e voltam a praticá-la. Dito de outra forma, eram católicos nominais que não frequentavam os sacramentos (missa, comunhão, confissão).

Vila Cruz, Poços de Caldas. As irmãs lançavam-se em empreendimentos ligados à educação. Com esse objetivo, outras religiosas ligadas ao ramo da educação foram enviadas a São Paulo. Mas a questão da compra do prédio não explica, por si só, a entrada da comunidade brasileira na educação. A dinâmica de fundação e o encerramento das obras obedecia a questões diversas como a demanda por trabalhos sociais e as questões ligadas à profissionalização das irmãs.



Figura 3: Creche Gota de Leite em Santos, s/d, por volta da década de 1960.

Fonte: Arquivos da Sagrada Família de Bordeaux, São Paulo.

No caso da creche Gota de Leite, o convite para o trabalho foi feito pela direção do estabelecimento. As fundações normalmente aconteciam a pedido de uma sociedade leiga ou de outra congregação (*Atas*, 1912-

-1960). A demanda por trabalhos de assistência social atingia diretamente um grupo que se havia habituado a diversificar sua ação desde a chegada ao país. Além disso, as irmãs da Sagrada Família vivenciaram o processo contrário ao de muitas outras congregações, que se especializavam cada vez mais em suas atividades, como era o caso das congregações docentes. A Sagrada Família era uma congregação de atividades variadas, na qual a docência era somente um dos muitos objetivos. Entretanto, é possível imaginar que a atividade de “*garde-malade*” tenha se extinguido gradativamente. As referências a ela tornam-se escassas nos documentos em meados do século XX, período no qual se constata a profissionalização crescente da enfermagem. Ao se profissionalizarem, as irmãs passam a trabalhar também em hospitais.



Figura 4: Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux com crianças da escola de Poços de Caldas, s/d.

Fonte: Arquivos da Sagrada Família de Bordeaux, São Paulo.

Para a irmã Isabelle, a profissionalização crescente de diferentes atividades e o avanço dos leigos em trabalhos que, desde o início do século, eram realizados por religiosas, levavam ao abandono de alguns campos de ação e à dedicação a outros (entrevista, Roma, 28/5/2007). Aqui no Brasil, desde o ano de 1939 (*Correspondances*, 1939), as irmãs

“*gardes-malade*” dedicavam-se a estudos que as levavam a se submeter aos exames a fim de obter o diploma de enfermeiras. No ano de 1946, a superiora do ramo já indicava que as noviças também deveriam seguir os cursos e se preparar. Inicialmente um privilégio para as irmãs mais velhas e mais preparadas, o diploma tornou-se uma obrigação, já que a concorrência leiga se expandia. Em 1948, três irmãs frequentam uma escola de enfermagem dirigida pelos franciscanos, na qual permaneceriam por três anos. Em 1953, quando assumiram a clínica Santa Edwiges, em São Paulo, a questão da profissionalização e da entrada de leigos na área já estava colocada: “Quando a irmã Lúcia e a irmã Joana terminarem seus estudos, elas também serão indicadas para Santa Edwiges, para suprimirmos as enfermeiras leigas diplomadas” (*Correspondances*, 3/2/1953).

Além dos motivos já apontados – a crescente profissionalização, o fim do trabalho como “*gardes-malade*”, os trabalhos mais voltados para a ação social –, a abertura da escola em São Paulo parece ter sido motivada também por questões de ordem prática e financeira. As irmãs precisavam manter-se e manter as obras sociais. As duas casas tinham acomodações que serviriam adequadamente à instalação de um colégio. Em carta de 8 de fevereiro de 1953, a superiora do Brasil escrevia à superiora geral na França:

A segunda casa da Glete não se presta para pensionistas nem para aí instalar o dispensário, pois haveria muito espaço perdido. Madre Diez veria como possíveis as seguintes organizações: 1) as irmãs antigas da Consolação se instalariam no térreo e o primeiro andar poderia ser reservado para jovens pensionistas; 2) abrir uma escola no térreo, o que parece bastante indicado, e alojar as irmãs antigas no primeiro andar.

Como se vê, tratava-se de praticidade e logística: a abertura da escola seria a ação mais conveniente. A escola forneceria o sustento da comunidade em se tratando de um colégio que se destinava à “classe média”. Fundado inicialmente o nome Externato Nossa Senhora de Loreto (retomando os nomes usados pela Congregação na Europa), o colégio oferecia o jardim da infância e o curso primário. Embora os textos e as falas das

irmãs difundissem a imagem de uma escola feminina, em 1953, ano de sua fundação, havia dois meninos e uma menina matriculados no jardim da infância. As demais séries totalizavam 12 alunas, filhas de motoristas, mecânicos, industriários, industriais, bancários e comerciantes (Livro de Matrículas). No ano seguinte, os registros de matrícula apontam outras profissões: fiscais, radialistas, comerciários, cinematográficos. Em 1955, o número de alunos dos dois sexos elevou-se para vinte e, no ano seguinte, para 37. Ao longo dos anos, é possível notar que o aumento do número de alunos e alunas não modificou o público que o colégio atendia: entre eles, continuava-se a encontrar, embora com mais diversidade, profissionais liberais (advogados, engenheiros, dentistas), também professoras e profissões ligadas à prestação de serviços.

Em 1960, iniciou-se o Ginásio Nossa Senhora de Loreto, em regime de internato (*Atas*, 1912-1960). Nesse mesmo ano, havia noventa crianças nas séries iniciais desse nível de estudos e, dentre elas, vinte meninos. Até por volta da década de 1970, o colégio chegou a ter dois períodos, atendendo em torno de 500 alunos. Em 2008, o colégio mantinha classes até a 8ª série e a escola possuía um total de 273 alunos. Ele foi vendido em 2009.

A fundação tardia do Colégio Nossa Senhora de Loreto não é uma exceção dentre os colégios católicos. Somente na década de 1950 foram fundados 250 colégios católicos no Brasil (Bittencourt & Leonardi, no prelo). Dentre aqueles fundados no estado de São Paulo, a maioria apresenta as mesmas características do Colégio Nossa Senhora de Loreto: são pequenos e mantêm jardim de infância, pré-primário e primário (Moura, 2000). Encontram-se as mesmas características em outro colégio fundado em São Paulo, também na década de 1950, pelas irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Nesses estabelecimentos, não existe mais o internato característico da fase dos grandes colégios do final do século XIX e início do século XX, como é o caso daqueles analisados por Perosa (2005) – o Colégio Des Oiseaux (1907), o Colégio Santa Marcelina (1927) e o Colégio Santa Maria (1947)⁸ – ou, ainda, como

8. Para outros estudos sobre colégios católicos, ver bibliografia em meu livro *Além dos espelhos*. Para estudos sobre educação religiosa em colégios, consultar: Pauly

o Colégio Notre Dame de Sion, analisado por Colombo (2006), Lage (2007) e Xavier de Brito (2010).

À época da instalação do Colégio Nossa Senhora de Loreto na Alameda Gleite, a região ainda abrigava colégios tradicionais destinados, sobretudo, à elite agrária. Na região da Luz, próximo ao antigo centro da cidade, estava o Colégio Diocesano. Em Campos Eliseos, bairro moderno no início do século XX, localizava-se o Liceu Coração de Jesus. Em Higienópolis, o Colégio Notre Dame de Sion, o Colégio São Luís e o colégio das Cônegas de Santo Agostinho, intitulado Colégio Des Oiseaux (Perosa, 2005). Mas, o Colégio Loreto não lhes oferecia concorrência, por ser destinado a outro público.

A Congregação da Sagrada Família passou pelas dificuldades iniciais com a concorrência dos médicos e com a rejeição das famílias paulistanas de suas atividades de “*gardes-malade*” e fundou uma pensão. Na década de 1950, com o trabalho das religiosas em clínicas, com a necessidade de profissionalização e o cuidado de doentes em domicílio extinguindo-se gradativamente, ela desenvolveu atividades ligadas a asilos, creches e escolas na zona rural, abrindo concomitantemente uma escola em uma região de prestígio da cidade de São Paulo, voltada para classe média. As irmãs da Sagrada Família utilizaram diferentes estratégias de manutenção da Congregação, sendo a fundação do colégio somente uma possibilidade entre outras.

A grande entrada de congregações no país no início do século XX aponta para a variedade de trabalhos das congregações e a ação educativa em diferentes frentes, não só ligada à fundação de colégios. Isso pode ser visto especialmente em congregações masculinas, como os Missionários de La Salette, que chegaram ao país em 1902. Além de suas ações paroquiais e missionárias ligadas à constituição de grupos de oração e catequese, esses padres mantiveram, desde 1917 até os dias atuais, a revista *O Mensageiro de Nossa Senhora de La Salette*. Essa revista chegou a ter aproximadamente 15 mil assinaturas na década de

(2004), Colombo (2006), Cunha (2007) e Xavier de Brito (2010). A respeito das relações Estado e Igreja no Brasil, ver Carvalho e Gonçalves Neto (2010).

1950. Para muitas dessas congregações com missões diversas, não ligadas à educação escolar, a fundação de um colégio significava uma fonte estável de renda que encontrava clientela em setores médios e baixos⁹.

Iniciei a pesquisa sobre a história das religiosas francesas no Brasil levada pela hipótese de que as congregações católicas não eram tão iguais entre si como a literatura acadêmica costumava apresentar e que sua ação no campo educacional ia além da educação escolar, e sobretudo além de uma educação das elites. Conforme apontado anteriormente, muitas congregações femininas que chegaram ao país entre 1849 e 1912 indicavam como sua tarefa primordial a educação. Entretanto, muitas não fundaram colégios imediatamente. Outras diziam ser outro seu carisma, mas começavam pela fundação de colégios (Xavier de Brito, 2010). Ao trabalhar com fontes inéditas produzidas pela Congregação da Sagrada Família, procurando olhar essa instituição por dentro, foi possível perceber que a tradicional função educadora *em colégios* não era dominante nessa Congregação. O estudo desse caso permite supor que as estratégias de ação dessas organizações sofriam uma reconstrução interna constante

-
9. Dentre as congregações masculinas que chegaram ao país e que mencionavam, explicitamente, a educação como finalidade da organização, estão: Sociedade de Instrução São Francisco de Sales; Maristas; Sociedade do Divino Salvador; Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo; Irmãos das Escolas Cristãs; Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Para outras congregações, a educação está em meio a outras atividades de conversão e apostolado: Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho; Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria; Sociedade do Verbo Divino; Ordem dos Recoletos de Santo Agostinho; Oblatos de São Francisco de Sales; Missionários do Sagrado Coração de Jesus; Padres de Nossa Senhora de Sion. A maioria dentre elas, entretanto, visam outras formas de ação na qual a educação pode estar compreendida como, por exemplo, missões, propagação da fé, catequese, imprensa. Este é o caso das seguintes organizações: Ordem dos Pregadores; Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria; Sociedade do Apostolado Católico; Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos; Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus; Congregação do Santíssimo Redentor; Ordem Premonstratense; Ordem Basiliense de São Josafat; Missionários de Nossa Senhora da Salette; Terceira Ordem Regular; Ordem dos Irmãos Descalços da B.V.M. do Monte Carmelo; Missionários da Sagrada Família; Congregação da Santíssima Cruz e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

de acordo com as condições locais, com suas missões e com as estratégias da Igreja no período. A educação a que diziam destinar-se podia realizar-se por diversas frentes: publicação de periódicos, catequese, missões, cursos livres e até mesmo pela manutenção de cinemas, como foi o caso dos Padres de Sion (Colson, 1999). A julgar pela quantidade de congregações, tanto femininas quanto masculinas, que entraram no país no período, seria necessário multiplicar os estudos para dar conta da atuação dessas organizações na educação, escolar ou não escolar.

Referências bibliográficas

ANNALES de la Congrégation des Soeurs de la Sainte-Famille, n.45 – Années 1920-1921, tome XXIV. Bourdeaux: Imprimerie G. Delmas, 1923.

_____. n.49 – Année 1925, tome XXVI. Bourdeaux: Imprimerie Nouvelle F. Pech, 1928, p.291.

_____. n.53 – Année 1929, tome XXX. Bourdeaux: Imprimerie Nouvelle F. Pech, 1932.

ATAS das Assembleias Gerais da Associação Caritativa das Enfermeiras Francesas. 1912-1960.

BEOZZO, J. O. et al. *História da Igreja no Brasil*. Ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis, Vozes, 1980.

BITTENCOURT, A. & LEONARDI, P. Le catholicisme. La place des congrégations religieuses dans l'éducation brésilienne. In: *COLLECTION MÉRIDIANNES DE L'ÉQUIPE CNRS / FAMESPA*, Toulouse, no prelo.

CARVALHO, Carlos Henrique; GONÇALVES NETO, Wenceslau (Org.). *Estado, Igreja e educação*. O mundo ibero-americano nos séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Alínea, 2010.

COLOMBO, Maria Alzira. *Luzes e sombras*. Uma visão da educação feminina no final do século XIX e início do XX. São Paulo, AllPrint Editora, 2006.

COLSON, Henri. *História da Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion*. Trad. de Pe. Béo. Seminário de Sion, mar. 1999.

CUNHA, Luiz Antonio. Sintonia oscilante: religião, moral e civismo no Brasil – 1931/1997. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 131, p. 285-302, maio-ago. 2007.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DÉVES, M. *A alma e a obra do “Bom Pai” Pedro Benvenuto Noailles, fundador da Congregação da Sagrada Família de Bordéus*. Primeira versão portuguesa do original francês pelas Irmãs da Esperança de São Paulo. São Paulo: Editora Ave Maria, 1943.

FARIAS, D. D. de. *Em defesa da ordem*. Aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945). Hucitec: São Paulo, 1998.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.

GARCIA, M. M. E. G. *Recomposição da vida religiosa*. Estudo das relações entre indivíduo e comunidade em congregações femininas. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

LAGE, A. C. P. *A instalação do colégio Notre Dame de Sion em Campanha: uma necessidade política, econômica e social da região sul-mineira no início do século XX*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2007.

LANGLOIS, Claude. *Le catholicisme au féminin*. Les congrégations françaises à supérieure générale au XIXe siècle. Paris: Les Editions du Cerf, 1984.

LE GOFF, J. *Saint Louis*. Paris: Éditions Gallimard, 1996.

_____. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEONARDI, P. *Puríssimo Coração: um colégio de elite em Rio Claro*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2002.

_____. *Além dos espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2010.

CORRESPONDANCES (LIVRE). *Esperance. Maison de São Paulo*. Manuscrito, 1908-1940.

LIVRO DE MATRÍCULAS. Colégio Nossa Senhora de Loreto. 1957-1968.

MANOEL, I. A. *Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

MAYEUR, F. *L'enseignement secondaire des jeunes filles sous la Troisième République*. Paris: Presses de la Fondation Nationale de Sciences Politiques, 1977.

MICELI, S. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MOURA, L. M. *A educação católica no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NUNES, M. J. R. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

PAULY, Evaldo Luis. “O dilema epistemológico do ensino religioso”. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas: Autores Associados/Rio de Janeiro: ANPED, n. 27, p. 172-182, set.-out.-nov.-dez. 2004.

PEROSA, G. *Três escolas para meninas*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2005 (publicado com o título *Escolas e destinos femininos*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009).

REGISTRE ESPERANCE. *Statistiques 2*, année 1942, São Paulo: Consolação.

RÈGLES GÉNÉRALES DES ASSOCIÉS DE LA SAINTE-FAMILLE. Bordeaux: Imprimerie de Th. Lafargue, Libraire, 1851.

STATISTIQUES. Archives de la Sainte Famille de Bordeaux, s/d.

XAVIER DE BRITO, Angela. *L'influence française dans la socialisation des élites féminines brésiliennes*. Le Colégio Notre Dame de Sion à Rio de Janeiro. Paris, L'Harmattan, 2010.

Endereço para correspondência:

Paula Leonardi

Av. Braz Leme, 2242, apto. 74, B2

Santana

São Paulo-SP

CEP: 02.022-020

E-mail: leonardip@uol.com.br

paulaleonardi@usp.br

Recebido em: 23 nov. 2009

Aprovado em: 3 jan. 2011